

**UMA ANÁLISE DA AUSÊNCIA/PRESENÇA
DE ARTIGO DEFINIDO DIANTE DE ANTROPÔNIMOS
EM ESTRUTURAS CONTENDO QUALIFICATIVOS
NA ZONA RURAL
DAS LOCALIDADES DE MATIPÓ E ABRE CAMPO**

Andréia Almeida Mendes
(UFMG/DOCTUM/VÉRTICE)
andrealettras@yahoo.com.br

1. Considerações iniciais

Propõe-se analisar, neste trabalho, uma análise a respeito da ausência e/ou presença de artigo definido diante de antropônimos em estruturas contendo qualificativos na zona rural das localidades de Matipó e Abre Campo, no Pouso Alto e no córrego dos Lourenços, respectivamente. A pesquisa adota alguns pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística assumidos por Labov (1972), Milroy (1987) e (1992) e outros pressupostos da dialetologia, tais como os estudos de Nelson Rossi (1963), (1980) e Nascentes (1922). Para tanto, a descrição interna do sintagma nominal (SN) apoiasse em Perini (1996), em Mateus *et al* (1989) e ainda em Mendes (2000). Segundo essa autora, nenhuma das duas propostas sozinhas deu conta de descrever a estrutura interna do sintagma nominal, surgindo assim uma terceira descrição. O que se pretende provar é que a proposta de Mendes (2000) não é confirmada ao se analisar os dados destas duas localidades. Trata-se de uma pesquisa de campo que analisa seus dados tanto do ponto de vista qualitativo quanto quantitativo.

2. Fundamentação teórica e metodologia científica

Mendes (2000), ao realizar uma descrição da estrutura interna do sintagma nominal em sua tese de mestrado, apoia-se em Perini (1996) e em Mateus *et al*. (1989); segundo Mendes (2000) nenhuma das duas descrições sozinhas deu conta de descrever a estrutura interna do sintagma nominal, por isso utiliza aspectos das duas descrições.

Perini (1996, p. 94) propõe descrever a estrutura interna do SN através de traços de natureza posicional; para ele, as funções do SN se definem pelas posições dos termos em relação uns aos outros e não por suas posições absolutas. Baseado nisso, o autor sugere dividir a estrutura in-

terna do SN em duas partes: a esquerda e a direita. Assim, a área esquerda é composta pelos elementos que precedem o núcleo, possuindo seis posições fixas que definem seis funções e quatro funções variáveis que definem uma posição especial, a de numerador, assim temos: determinante (Det), possessivo (Poss), esforço (Ref), quantificador (Qf), pré-núcleo externo (PNE), pré-núcleo interno (PNI), numerador (Num), todos obedecendo a essa ordem com exceção do numerador que pode assumir quatro posições.

| Função | Itens que podem desempenhá-la |
|---------------|--|
| Det | <i>o, este, aquele, algum, nenhum, um.</i> |
| Poss | <i>meu, seu, nosso, etc.</i> |
| Ref | <i>mesmo, próprio, certo.</i> |
| PNE | <i>mero, pretenso, meio, suposto, reles, inesquecível, ilusório, simples, bom, velho, novo etc. (classe aberta).</i> |
| PNI | <i>mau, novo, velho, claro, grande. (classe fechada).</i> |
| Qf | <i>poucos, vários, diversos, muitos, único, primeiro, (segundo, terceiro, etc.).</i> |
| Num | <i>outro, dois, (três, quatro, etc.).</i> |

QUADRO 1: Itens que podem desempenhar as seis posições fixas da área esquerda da estrutura interna do SN Fonte: PERINI, 1996, p.99.

Com relação ao PNE e PNI, o autor apresenta as seguintes descrições:

- a) itens que podem ser PNI também podem ser PNE, mas há, por outro lado, itens como mero, pretenso, meio, suposto que só podem ser PNE, ou que muito raramente ocorrem após o núcleo, isto é, como modificador (que é o caso de ‘reles’, informa o autor). Boa parte dos itens que podem ocorrer como modificadores podem também ocorrer como PNE;
- b) “todas as palavras conhecidas que podem ser PNI podem também ser modificadores”; (PERINI, 1986)
- c) entre um PNE e o NSN pode ocorrer um PNI. (MENDES, 2000, p.79)

A área direita é composta pelo núcleo e pelos elementos que o seguem; possui três funções, a saber: núcleo do SN (NSN), modificador interno (ModI) e modificador externo (ModE). Apesar de efetuar a descrição, o autor adverte que a descrição dessa área é menos segura do que a anterior, necessitando ser mais bem compreendida e esclarecida.

Mendes (2000), ao verificar, em seus dados, a proposta de Perini, percebe que os títulos honoríficos não possuem lugar na proposta de Perini; segundo ela, “de todas as sete funções (inclusive a de Num) as únicas que estão disponíveis para descrever este título é ou o PNI ou o PNE. Entretanto, se se afirma que Padre é um PNI ou um PNE é possível que este termo possa ser um modificador, isto é, possa ocorrer à esquerda do

núcleo.” (MENDES, 2000, p.80). A autora analisa o seguinte exemplo extraído de seu *corpus* de língua pretérita para chegar a essa conclusão: “(xviii) ‘como depõe o Padre Francisco Pereira’ [T4/87-88/1/xviii]” (MENDES, 2000, p. 80) Para que o título honorífico pudesse ser interpretado como um PNI ou um PNE, ele também deveria que poder ocorrer à esquerda do verbo, em uma estrutura como esta: “(xviii a)* Como depõe o Francisco Pereira Padre”. Para a referida autora, esse tipo de estrutura não parece natural, a menos que o termo *Padre* faça parte de um NPr patronímico. Além disso, seria de se esperar que esse termo ocorresse um PNI entre esse PNE e o NSN, formando a seguinte estrutura: “(xviii b)* Como depõe o Padre *mau* Francisco Pereira)” e que tanto o PNI como o ModE não ocorressem no SN acompanhados apenas de um elemento na área esquerda. Mendes (2000) conclui que a proposta de Perini (1996) para descrever a área esquerda do sintagma nominal não foi suficiente para descrever e caracterizar os títulos honoríficos.

Ao analisar a área direita do NSN da descrição de Perini (1996), Mendes (2000) percebe que, apesar de o autor apresentá-los como constituídos por palavras individuais, reconhece ser possível que sintagmas preposicionados também possam exercer a função de ModE. Em suas pesquisas, Mendes (2000) encontra muitas estruturas preposicionadas e tenta encaixá-las na descrição da área direita de Perini (1996). Percebe, no entanto, que os sintagmas preposicionados (SPrep) não podem ser tratados como ModE porque nenhum deles ocupa a última posição do SN máximo.

Considerando, todavia, que esses SPrep ocupem a última posição do SN máximo, sendo, pois, um ModE, e que a antepenúltima posição não foi preenchida por um ModI e que, portanto, encontra-se vazia, é de se esperar então que os SPrep sejam separados por vírgula do restante do SN, mas isso não me parece uma solução adequada, pois tal procedimento interferiria na coerência da sentença (...) Resta-nos, portanto, analisar tais SPrep como sendo ModI; entretanto, como a pesquisa do Autor ainda está em andamento, não é possível afirmar que sintagmas preposicionados possam exercer a função de um ModI, pois, até então, Perini havia percebido que somente o NSN e o ModE “podem ser preenchidos por sintagmas maiores, e não apenas por palavras individuais” (PERINI, 1996) (MENDES, 2000, p. 82)

Mendes (2000) conclui que a proposta de Perini (1996) não foi suficiente para analisar todos os itens dos SNs de seu *corpus*; principalmente no que diz respeito à área direita. Em função disso, propõe-se a analisar também a descrição interna do SN formulada por Mateus *et al* (1989) que possui a seguinte estrutura: SN = especificadores + nome + complementos. Várias classes podem funcionar como núcleo do SN, podem ser

nomes, pronomes, alguns quantificadores ou demonstrativos, nomes coordenados e nomes compostos. O NSN é analisado por essas autoras como constituinte que não engloba nem a parte esquerda nem a direita, podendo ter adjungidos elementos à direita ou à esquerda.

Os especificadores encontram-se à esquerda do núcleo, eles podem ser: determinantes (artigos, dêiticos demonstrativos e possessivos); quantificadores (indefinidos, numerais, e alguns adjetivos) e expressões qualitativas (possuem a seguinte estrutura: Det + Adj/N + de). Os complementos encontram-se à direita do núcleo, são eles: sintagmas adjetivais (encontram-se à direita do núcleo do SN, mas, em alguns casos, essa colocação pode ser opcional e, em outros casos, a anteposição do adjetivo faz com que o nome adquira outro significado); sintagmas preposicionais (constituem-se de preposição + (det) + nome, geralmente não podem se movimentar isolados dentro da frase, a menos que estejam topicalizados, e podem combinar-se com outros SPrep); frases (iniciadas por pronomes relativos e que seguem imediatamente o núcleo do SN) e epítetos (expressões parentéticas que são isoladas por pausa no interior do SN e são colocadas à direita do núcleo, SN, SAdj e frases podem atuar como epítetos, são tradicionalmente denominadas por apostos, frases explicativas ou apositivas).

Mendes (2000) mostra que a proposta das autoras para analisar a área esquerda do SN é inadequada, uma vez que se mostra inadequada para se analisar os títulos honoríficos que não podem ser classificados como especificadores. Com relação à proposta para a área direita, a autora acredita ser adequada para analisar os sintagmas de seu *corpus*. Tanto a descrição de Perini (1996) quanto a de Mateus *et al* (1989) mostraram-se parcialmente insuficientes para descrever os SNs extraídos de seu *corpus*, Mendes (2000) propõe unir as duas descrições. Assim, assume a descrição da área esquerda do SN de Perini (1996), mas propõe uma nova função, a de Qualificativo (Qv), e a descrição da área direita de Mateus *et al* (1989) integralmente.

A função de Qualificativo (Qv) é uma posição fixa que, na maioria das vezes,

é exercida por títulos honoríficos quais sejam: *senhor, dom, doutor, cônego, reverendo, padre, vigário, desembargador, brigadeiro, tenente, capitão, coronel, sargento, sargento-mor, alferes, guarda, guarda-mor, presidente, tabelião, professor*. Optou-se pelo nome qualificativo, por designar termos que na literatura específica são conhecidos como títulos honoríficos e por acreditar que itens como *mulher (no sentido de esposa), marido, tio, filho, irmão, primo*, etc. possam desempenhar esta função o que não ocorria como os títulos,

este termo é, portanto, mais abrangente que *títulos honoríficos*. (MENDES, 2000, p. 83)

A posição dos Qvs com relação ao nome próprio é rígida, isto é, ao lado esquerdo dos antropônimos; entretanto, podem aparecer outro ou outros Qvs entre eles. Mendes (2000) ainda propõe que ao quadro 01 proposto por Perini (1996) seja acrescentado ao PNE, ao lado dos itens *mero, pretenso, reles, meio, suposto*, outros itens: *dito, ilustríssimo, excellentíssimo, caríssimo* etc. De acordo com a proposta de Mendes (2000), o SN poderia ser descrito de acordo com o seguinte esquema:

| | | | | | | | | | | | | | | | |
|---------------|-----|------|-----|-----|-----|----|-----|-----|-----|----|--------------|------|--------------|-------|---------|
| | | | | | | | | | | | | | Complementos | | |
| Det | PV4 | Poss | PV3 | Ref | PV2 | Qf | PV1 | PNE | PNI | Qv | NSN | SAdj | SPrep | Frase | Epíteto |
| | | | | | | | | | | | | | | | |
| Área esquerda | | | | | | | | | | | Área direita | | | | |

QUADRO 2: Descrição da estrutura do Sintagma Nominal (SN)

Fonte: MENDES, 2000, p. 88

A área esquerda engloba todas as funções até o NSN e a área direita todas as funções a partir do NSN. É essa a proposta que será adotada neste artigo e, em cima dela, será realizada a análise. Ao analisar os dados de sua pesquisa, Mendes (2000) constata que tanto na LEP quanto na LOC, a ausência de artigo definido diante de NSN-NPr está condicionada à não-ocorrência de nenhum item à esquerda do nome e/ou à ocorrência do QV ‘dona’. Assim, a autora conclui que o Qv se junta ao NPr formando uma única referência, ele não se articula por que se comporta como um NPr nu à esquerda.

3. Análise dos dados

Como foi visto, Mendes (2000) propôs à descrição de Perini (1996) mais uma posição, a de qualificativo (Qv), que, segundo ela, na maioria das vezes, é exercida pelos títulos honoríficos, mas que, segundo a autora, também abrange termos como *mulher, tio, filho, irmão e primo*. Essa posição é tida como rígida; podendo, entretanto, apenas ser quebrada ao se introduzir outro Qv; nem mesmo um numeral que, segundo Perini (1996) pode ocorrer livremente no SN, pode coocorrer entre um Qv e um nome próprio. Acrescenta que esse Qv pode se tornar um nome próprio, porém, nesse caso, o item passa a exercer a função de nome comum e não mais de qualificativo, conforme exemplo da própria autora: “A do-

na que mora no apartamento 21 acabou de pegar o elevador”. (MENDES, 2000, p. 87).

Essa posição nova surge, pois, segundo essa mesma autora, os títulos honoríficos não possuem lugar na proposta de Perini, de todas as sete funções, as únicas que podem descrever esse título é o PNI ou o PNE. Mas,

se se afirma que *Padre* é um PNI ou um PNE é possível que este termo possa ser um modificador, isto é, possa ocorrer à esquerda do núcleo, mas uma estrutura do tipo:

(xviii a) Como depõe o Francisco Pereira Padre’

Não me parece natural, a menos que o último termo faça parte do NPR patronímico, isto é, do sobrenome. (MENDES, 2000, p. 80)

Após comparar os traços sintáticos convergentes dos resultados de sua análise da LEP e da LOC, conclui que na LEP, para a não-ocorrência de artigo definido antes de nomes próprios é necessário que à esquerda deste não ocorra nenhum item ou o qualificativo *dom* ou *dona*. Na LOC, para que não ocorra artigo definido diante de nomes próprios é necessário que à esquerda desse nome não co-ocorra nenhum item, ou que ocorram os qualificativos *dona*, *dotô* (*doutor*), *tio* e *sá* (*sinhá*), ou um possessivo mais qualificativo ou ainda um PNE. Cabe lembrar que, pela natureza dos dados – orais contemporâneos –, é a LOC que interessa à análise.

Ao analisarmos os dados coletados em Abre Campo e Matipó, o primeiro passo tomado foi realizar uma quantificação para que se pudesse saber se a ausência ou a presença era majoritária nas duas localidades. O gráfico abaixo apresenta o resultado desta análise:

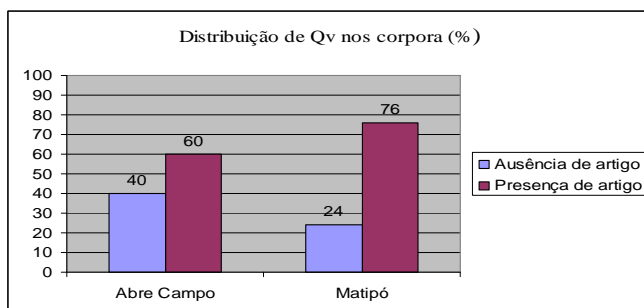


GRÁFICO 1: Distribuição dos qualificativos nos corpora de Abre Campo e Matipó

Ao se realizar uma análise detalhada de cada um dos tipos de qualificativo em cada uma das localidades, encontra-se o resultado apresen-

tado nas tabelas (1) e (2). Cabe lembrar que os casos em que se encontrou apenas uma ocorrência foram desconsiderados na elaboração da tabela.

| Tipo de qualificativo | Ocorrências com artigo | % | Ocorrências sem artigo | % |
|------------------------------|------------------------|-----|------------------------|-----|
| 1. Doutor, dotô | 1/2 | 50 | 1/2 | 50 |
| 2. Seu, sô, sá e sinhazinha | 6/6 | 100 | 0/6 | 0 |
| 3. Padre | 3/3 | 100 | 0/3 | 0 |
| 4. Compadre, cumpadre, cumpá | 0/3 | 0 | 3/3 | 100 |

TABELA 1: Análise da ocorrência de ausência ou presença de artigo diante de cada qualificativo nas ocorrências de Abre Campo

| Tipo de qualificativo | Ocorrências com artigo | % | Ocorrências sem artigo | % |
|------------------------------|------------------------|-----|------------------------|----|
| 1. Doutor, dotô | 13/18 | 72 | 5/18 | 28 |
| 2. Vêi | 7/10 | 70 | 3/10 | 30 |
| 3. Seu, sô, sá e sinhazinha | 15/20 | 75 | 5/20 | 25 |
| 4. Nhonhô | 9/12 | 75 | 3/12 | 25 |
| 5. Compadre, cumpadre, cumpá | 4/4 | 100 | 0/4 | 0 |
| 6. Dona, dom, dô | 34/43 | 79 | 9/43 | 21 |
| 7. Tio, ti, tia | 7/9 | 78 | 2/9 | 22 |
| 8. Padre | 12/17 | 71 | 5/17 | 29 |
| 9. Capitão | 1/2 | 50 | 1/2 | 50 |
| 10. Professor | 2/2 | 100 | 0/2 | 0 |

Tabela 2: Análise da ocorrência de ausência ou presença de artigo diante de cada qualificativo nas ocorrências de Matipó

Esta análise foi baseada nos dados de língua oral contemporânea (LOC) de Mendes (2000), pois como já foi anteriormente citado, é essa a variedade linguística dos informantes do estudo realizado na presente dissertação. Percebe-se que os dados das tabelas (1) e (2) apresentam exemplos diferentes dos descritos as afirmações do trabalho de Mendes (2000), segundo a descrição dos dados desta autora, a presença dos qualificativos *dona*, *dotô* (*doutor*), *tio* e *sá* (*sinhá*) antes dos antropônimos resultaria na ausência de artigo definido. Em Abre Campo, todas as ocorrências dos qualificativos *seu*, *sô*, *sá* e *sinhazinha* foram articuladas; já as ocorrências de *doutor*, *dotô* tiveram 50% de uso de artigo. Em Matipó, 72% das ocorrências de *doutor*, *dotô* foram articuladas, 75% das ocorrências de *seu*, *sô*, *sá* e *sinhazinha* receberam artigos, 79% das ocorrências de *dona*, *dom*, *dô* também o foram, assim como 78% dos casos de *tio*, *ti*, *tia*. Fica claro que a descrição do SN realizada por Mendes (2000) para descrever os dados da língua oral contemporânea da cidade de Barra

Longa, em Minas Gerais, não dá conta dos dados nem de Abre Campo e nem de Matipó; porque, como se vê abaixo, os Qvs aparecem ora acompanhados de artigo, ora não, diferindo, portanto da análise proposta para Barra Longa. Os exemplos (01), (02) e (03) são de Abre Campo e os exemplo (04), (05), (06) e (07) são de Matipó:

- (01) pra baxo um muncadim... tem é... ondé que o Sena morava... *o Sô Hélio*... pra baxo um muncadim... ela tá lá embaxo... a gente... tem um aterro e ela tá lá embaxo... ondé que foi do *Sô Lau*... aquela... aquela... aquela pedra que teim foi da fazenda do *Sô Lau*... mais eu num sei se isso tudo era verdade tamém não... por que é o caso... as vez pode tê dado um movimento no mei do... do... pode tê dado um vento um treim quarqué né?... ocê já tá cismado né? (*I3M70AC* linhas 472-477)
- (02) Sertori... *Ø dotor Sertori*... você... você já ouviu falar? (*I3M70AC* linha 241)
- (03) na verdade ele ficô uns quatro meses... é de quatro a seis meses que ele ficô no hospital... ficô no Abre Campo aqui... aquê treim todo... um médico muito bom... *o dotor Lorival*... hoje já tá até mei caduco já... já tá de idade já... tava atendendo ele lá... (*I4M29AC* linhas 405-408)
- (04) *o dotô Aberone* falô comigo.. “cê vai partino o cumprimido”... fui parti-no.. fui até pará... parô tamém... num fiz uso de remédio mais não... (*I7M29Mt* linhas 412-414)
- (05) “cê bobo minino... num vô assustá não... vi falá que *o Sô Fizim* morreu... pois já morreu tarde... coitado... discansô... por que ê tava muito doente”... (*I6F30Mt* linhas 611-613)
- (06) a mãe vai batê ne nós... a mãe feiz nós vortá pa trais... esperá *a Dom Merita* mia fia... mas *a Dom Merita* xingô nós demais... (*I6F30Mt* linhas 156-158)
- (07) *Ø dona... Mariana* apaxonô e foi embora daí né?... e distribuiu ((tossiu)) aí onde... o meu avô... era ((tossiu)) filho ((tossiu)) dum italiano... cum ((tossiu))...o itali/... do italiano cum... a escrava já... mais já de ventre livre né?... a lá ((tossiu)) ele cresceu... casô... teve filho né? quer dizer... depois que *a dona Mariana*... ((tossiu)) aí o tio da *dona Mariana* era padrim dele do meu avô e duô pra ele... (*I5F95Mt* linhas 34-39)

Mais duas observações interessantes merecem ser discutidas com relação ao trabalho de Mendes (2000): a primeira diz respeito ao fato de, para a autora, a posição do qualificativo ser rígida, só podendo ser ocupada por um outro qualificativo. Para essa autora, a descrição à esquerda do SN proposta por Perini (1996) é insuficiente justamente porque o qualificativo ocupa essa posição rígida, não podendo existir à direita do nome próprio. De acordo com Perini (1996), os títulos honoríficos poderiam ser descritos como um PNE ou como um PNI,

entretanto isso não foi possível. Segundo o Autor, os itens que podem ser PNI ou PNE também podem ser modificadores; ora se a posição dos modificadores é primariamente a área direita, isso significa dizer que o item Padre, no SN sob análise, caso fosse descrito como PNI ou PNE, poderia ficar posposto ao NSN:

– Como depõe o Francisco Pereira Padre' mas essa estrutura não teria o mesmo valor semântico de sua estrutura de origem. (MENDES, 2000, p.85)

Em nossos dados percebe-se que essa mesma estrutura sintática pode sim assumir outra posição que não seja à esquerda do nome próprio, sendo tão variável como um PNI ou um PNE, conforme os exemplos (08) e (09).

- (08) uai... muitos não... *o Zé Lorenço véi* mesmo num tinha medo de nada não minin... *o Zé Lourenço...* ês jugava pedra... ê ia pescá de noite... caia quês pedrão no rio... “jogano uns pedrão... ispartano os peixe tudo... eu vim embora”... nove hora da noite invinha ele com varinha de anzol dele balançando... (*ISM70Mt linhas 64-67*)
- (09) *o véi Lorenço* pirigoso do treim tamém... apaixonado mesmo... e eu tenho até sodade dele até hoje... ô véio pra sê bom... (*ISM70Mt linhas 420-421*)

A palavra *véi* possui uma posição variável, podendo se localizar tanto à direita quanto à esquerda do antropônimo; quando se localiza à esquerda, exerce a função de PNI ou de PNE, quando passa para a área direita, exerce a função de modificador. O que prova que a descrição de Perini (1996) é suficiente para descrever a área esquerda do sintagma nominal, uma vez que ela já admitia essa mobilidade.

A segunda observação a respeito do trabalho de Mendes (2000) é com relação ao Qv poder se tornar núcleo de um SN; a autora afirma que quando isso acontece o item passa a exercer a função de um nome comum e não mais de qualificativo. Não é isso que pode ser visto nos exemplos abaixo:

- (10) ê... ê e o Tunim Lorenço né... seu avô é seu avô né?... *o Seu Nhonhô* né?... e o véi Lorenço... o pirigoso era o véi Lorenço... o véi Lorenço insinô nós trabaiaí mais o cabo da inxada cumia na nossa cabeça todo dia... batia pra fazê galo mesmo viu... (*ISM70Mt linhas 99-102*)
- (11) o véi Lorenço pirigoso do treim tamém... apaixonado mesmo... e eu tenho até sodade dele até hoje... ô véio pra sê bom... eu dei sorte porque *o Nhonhô* era bom demais pra mim da conta mes... o cumpade Durce mudô lá... lá pro Totone Helena e ele num quis que eu mudasse não... ele fazia tudo pra mim... *o Nhonhô* morre e o Tãozim do mesmo jeito... parece até que a arma do Nhonhô entrô na do Tãozim... mas do mesmo jeito... nunca vi... eu dei sorte com patrão mesmo... (*ISM70Mt linhas 420-425*)

- (12) a:... a minha vó... Paulina Maria de Oliveira... troxe nós pra qui... pra rua né?... era eu... Licinha... a *Sinhazinha* né?... essa *Sinhazinha* morreu por falta de trato... onde os meus tio... por que minino chorava de noite né?... ês falava cumigo assim... “tampa a boca desses minino... que num dexa a gente durmi... é uma choradera”... fartava as coisa pra ela né?... num tinha ropa direito... num tinha nada... aí deu coqueluxe nela... êa num guentô e morreu... coitada da *Sinhazinha*... morreu dia treis de maio... de mil novecentos e vinte e cinco... (15F95Mt linhas 474-480)
- (13) ali fincarum cruzero e começô celebrá missa... ali... onde tinha um home de mais de noventa ano nessa época né?... chama... ês falava Ø *João Padre*... (15F95Mt linhas 71-73)
- (14) era capitão Félix Gomes... esse foi nascido no Rio de Janeiro... quando o Rio de Janeiro era São Sebastião... esse morreu aqui... e o *João Padre* também morreu aqui... já com mais de ceim ano né?... (15F95Mt linhas 100-103)
- (15) vieram pra cá... onde aqui ês morrero... esse Chico Véio e Ø *João Padre*... e o farmacêutico que era de... do Rio de Janero quando o Rio de Janeiro era São Sebastião... esse morreu aqui tamém... Ø *João Padre* e João Véio... (15F95Mt linhas 205-208)

Não parece, em nenhum dos exemplos, que os nomes destacados tenham passado a figurar como nomes comuns; *Nhonhô* e *Sinhazinha*, exemplos (10), (11) e (12), continuam a exercer a função de nomes próprios, delimitando exatamente o ser nomeado; já o nome *Padre*, que vem associado ao nome *João* nos exemplos (13), (14) e (15) é um nome próprio composto. Para Lyons (1977), os títulos podem adquirir o *status* de referência única, tal como os NPr, de acordo com o contexto ou a situação particular em que forem proferidos. Para ele, se um inglês usar referencialmente a expressão *a rainha* em um contexto em que essa expressão não foi anteriormente mencionada, o ouvinte poderá inferir que o falante esteja se referindo à rainha da Inglaterra (1977, p.150). Apesar de o falante poder realizar essa associação, para ele isso não implica que esses títulos sejam nomes próprios, pois os nomes próprios indicam os seus referentes não os descrevendo em termos de uma propriedade relevante que o nome denota, mas utilizando a associação única a arbitrária de um nome próprio e o seu portador.

A posição defendida aqui é contrária tanto à de Mendes (2000), pois nos exemplos (10), (11) e (12), acima citados, esses títulos não passarão a exercer a função de nome comum, mas de nomes próprios; quanto à de Lyons (1977), a respeito de um título sempre descrever uma propriedade do nome que denota, pois, nesse caso, ao se tornar nome pró-

prio, ele passa apenas a ter referência. Nos casos dos exemplos (13), (14) e (15), as palavras *Nhonhô* e *Sinhazinha* tornam-se nomes vocatórios²⁵² de pessoas distintas, essa se referindo à irmã da informante e aquela se referindo ao antigo patrão do informante.

Segundo a teoria de Guimarães (2002, p.38), o nome dado inicialmente pelos pais foi alterado no processo de vida social nos exemplos (10), (11) e (12); essa segunda nomeação passa a ser um dos nomes vocatórios dessa pessoa, que passará a responder por ele sempre que for por ele chamado. Assim, em cada lugar enunciativo, a pessoa pode receber diferentes tipos de nomeação. É interessante observar que, no exemplo (10), o qualificativo que passou a exercer a função de nome próprio encontra-se até incorporado a outro qualificativo.

Com relação aos exemplos (13), (14) e (15), vê-se que, ao nome *João*, tem-se associado o termo *Padre*, como se fosse uma espécie de sobrenome, o que acontece é que esse qualificativo tornou-se uma alcunha, referindo-se ao papel social ocupado por essa pessoa, o de ajudante do padre da época. Como se nota, além da função de nome próprio, um qualificativo pode exercer outras funções.

4. Considerações finais

Segundo Mendes (2000), tanto a descrição de Perini (1996) quanto a de Mateus *et al* (1989) mostraram-se parcialmente insuficientes para descrever os SNs; assim a autora propõe unir as duas descrições e acrescentar à área direita a função de qualificativo (Qv). Para Mendes (2000), essa posição de QV é rígida, só podendo ser quebrada quando se introduz outro ou outros Qv(s).

No entanto, o que se percebe ao analisar os dados nas localidades de Abre Campo e Matipó é que a proposta de Mendes (2000) não se confirma: percebe-se que essa mesma estrutura sintática pode sim assumir uma outra posição que não seja à esquerda do nome próprio, sendo tão variável como um PNI ou um PNE.

Além disso, Mendes (2000) afirma que o Qv pode se tornar núcleo de um SN e que, quando isso acontece, o item passa a exercer a fun-

²⁵² Segundo Vasconcellos (1928), um nome vocatório é aquele pelo qual se costuma chamar ou designar a pessoa.

ção de um nome comum e não mais de qualificativo; teoria essa que novamente não se confirmou nos dados analisados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

MATEUS, Maria Helena Mira et all. *Gramática da língua portuguesa*. Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual. Coimbra: Almedina, 1983.

MENDES, Soélis Teixeira do Prado. *A ausência/presença do artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: um caso de retenção?* Dissertação (Mestrado em Estudos linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1996.

VASCONCELOS, José Leite de. *Antroponímia portuguesa: tratado comparativo da origem, significação, e vida do conjunto dos nomes próprios, e apelidos, usados por nós desde a Idade Média até hoje*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.